

[1] APRECIÇÃO DO CURRÍCULO CIENTÍFICO DO DOUTOR Joaquim Cerqueira Gonçalves

As minhas primeiras palavras são para saudar muito respeitosamente Vossa Excelência, Senhor (Vice) Reitor e para exprimir a minha grande satisfação por tomar parte neste júri e assim colaborar com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na tarefa, sempre grata, do preenchimento e alargamento dos seus quadros docentes, o mesmo é dizer, ~~em~~ na tarefa de cooperar na promoção da Universidade Portuguesa.

Cumpre-me apreciar os trabalhos científicos do Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves, candidato ao lugar de Professor Extraordinário do 6º grupo (Filoso[2]fia) da Faculdade de Letras. Religioso franciscano, recebeu a primeira formação literária e científica nas escolas da sua ordem, frequentou posteriormente a Universidade Católica de Lião e o Instituto Católico de Toulouse, tendo concluído, neste último, no ano de 1956/57, a licenciatura em Filosofia Escolástica. Posteriormente<, > cursou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se em Filosofia, no ano de 1962, com a classificação de 18 valores, apresentando como dissertação o estudo *Distinção entre essência e existência no pensamento de J<ão> Duns Escoto*. Trabalhou<, > em 1961<, > com o P^e. Miguel Oromí e colaboradores da revista *Verdad y Vida*, dedicando-se t<am>b<ém>, na Biblioteca de [3] Madrid, a investigações de bibliografia medieval. No ano de 1964<, > procedeu a estudos na biblioteca do Colégio de São Boaventura, em Quaracchi, e<, > no ano de 1967<, > na Biblioteca do Vaticano e no *Antonianum*. Participou<, > ainda<, > no “Colóquio sobre S. Boaventura”<, > realizado em Paris em 1968. Esta actividade culmina com a elaboração do notável estudo *Homem e Mundo em São Boaventura*<, > com o qual se apresenta ao doutoramento em Filosofia à Fac<uldade> de Letras ulissiponense, obtendo a classificação de 19 valores. É o representante, de língua portuguesa, da Comissão Internacional que prepara o Centenário de S. Boaventura e t<am>b<ém> é membro da *Société [4] Internationale pour l'étude de la philosophie médiévale* e da *Asociación Española de Filosofía Medieval*.

O Doutor Cerqueira Gonçalves cultiva a investigação no domínio da história da filosofia medieval. Neste se orientou, preferentemente, para o estudo do pensamento da Escola Franciscana. Não se limita, porém, a um inventário erudito de códices ou à descrição externa de obras e de autores. O que lhe importa são os filosofemas na sua concatenação sistemática e histórica e as experiências humanas que lhes subjazem. Atitude esta cheia de consequências, dadas as características filosóficas próprias da escola franciscana, [5] defensora do primado do concreto e do individual, cheia de preocupações humanísticas de dignificar a natureza e a capacidade humanas<,> e que se inscrevem numa perspectiva mais vasta a que correspondem, nos dias de hoje, os problemas do sujeito concreto, da subjectividade e inter-subjectividade humanas e o problema da história. Daí a actualidade das preocupações do candidato no domínio histórico-filosófico.

Não posso ainda deixar de me referir com muito gosto à inserção das preocupações filosóficas do Doutor Cerqueira Gonçalves nas linhas mestras da Escola Filosófica da Universidade de Lisboa; patentes desde a cuidada edição [6] das obras do franciscano Álvaro Pais e <d>os estudos a ele dedicados, passando pela obra, ainda inconclusa, sobre Santo António de Lisboa, evidenciadora da importância do santo português na elaboração da espiritualidade franciscana e no desenvolvimento ulterior da filosofia mística europeia, até à reflexão, altamente especulativa, de uma *Nova Instauratio Philosophiae*<,> que inscreve<,> numa das suas colunatas, o nome de São Boaventura.

Na obra do candidato ~~rica e promissora~~<,> além da sua bela dissertação de doutoramento, já citada, q<ue> honra o autor e as instituições ~~e a Faculdade~~ que o formaram<,> sobressaiem os trabalhos<:> *La contingence de la nature et la distinction d'essence et d'existence chez Duns Scot* (1964)<,> [7] a introdução para a trad<ução> portuguesa da obra de Frei Gomes de Lisboa *Questão muito útil sobre o objecto de qualquer ciência e principalmente da filosofia natural* (1964)<,> *A dialéctica do optimismo e do pessimismo na obra de Gil Vicente*, comunicação ao "Simpósio Vicentino" de 1966<,> *O Espírito do Escotismo*, publicado em *Brotéria*, 1967<,> *La Dialéctica del Querer y del Poder en Agustín*<,> em *Estudio Agustiniano*, 1968<,> *La*

génèse de la science dans le De reductione artium ad theologiam de Saint Bonaventure<,> em *Études Franciscaines*<,> 1968<,> *Humanismo medieval, I: A natureza do indivíduo em João Duns Escoto, II: Franciscanismo e Cultura*, livro publicado em 1971<,> *La structure metaphisique de [8] l'être chez Saint Bonaventure*, comunicação ao 2º Colóquio de S. Boaventura, realizado em Paris<,> em 1971<,> *S. Tomás de Aquino e São Boaventura. Em véspera de dois centenários, Itinerarium*, Jan.-Março de 1972<,> e *A Idade Média Filosófica*<,> na *Brotéria* de Fevereiro passado.

A regência continuada da cadeira de História da Filosofia Medieval desde o ano de 1963/64 e<,> durante algum tempo, t<am>b<ém> as de Axiologia e Ética e Hist<ória> da Filosofia Antiga; a bibliografia científica; a participação em congressos e colóquios (Cong<resso> Internacional de Fil<osofia> Medieval de 1964; Colóquio de S. Boaventura de 1968; Congresso Intern<acional> de Filosofia de 1968); as sociedades filosóficas a que pertence; o ser o representante de língua portuguesa da Comissão Internacional que prepara o Centenário de São Boaventura<,> tudo isto é garantia das qualidades pedagógicas e científicas e dos dotes de organizador do S<enho>r P^o. Cerqueira Gonçalves.

~~[8a] *l'être chez Saint Bonaventure*, comunicação ao 2º Colóquio de S. Boaventura realizado em Paris em 1971. *S. Tomás de Aquino e São Boaventura, em véspera de dois centenários em Itinerarium*, 1972 e *A Idade Média Filosófica* na *Brotéria* de Fev. passado.~~

O tempo <de> que dispomos obriga-nos a reduzir a apreciação dos trabalhos do candidato ao estudo de maior tomo posterior à dissertação doutoral, ou seja, ao livro *Humanismo Medieval*<,> formado por dois importantes ensaios<,> conforme já referi. Reduzir-nos-emos ao <primeiro>, *A natureza do indivíduo em <João Duns> Escoto*, de conteúdo mais tecnicamente filosófico<,> e t<am>b<ém> porque, como afirma M. de Gandillac, o primado do [9] indivíduo é o *leitmotif* de toda a tradição franciscana. E ainda pela sua actualidade. Com efeito, a falta de uma reflexão ontológica sobre o indivíduo é causa do irracionalismo na problemática de hoje em torno do indivíduo,

das relações inter-individuais e da história. E precisamente Escoto representa um dos momentos mais altos dessa reflexão.

Tem este estudo, a apoiá-lo, uma bibliografia criteriosamente elaborada; na literatura secundária apenas se observa uma lacuna: o livro de Heribert Mühlen, *Sein und Person nach Johannes Duns Scotus. Beitrag zur Grundlegung einer Metaphysik der Person*, de 1954 (132 pp.), que André Hayen calorosamente elogiou em artigo da *Revue Philosophique de Louvain* de 1955, considerando-o complemento imprescindível da obra de Gilson.

[10] O 1.º §, *O individualismo no humanismo filosófico grego*<, > é uma breve resenha crítica da problemática grega. Aponta como a filosofia platónica vive da relação entre o uno e o múltiplo, em que o múltiplo é menos o indivíduo e mais o pluralismo das ideias e suas relações. Explica como<, > em Aristóteles<, > se estudam as causas formal e final<, > segundo as quais se processa todo o movimento de transformação do indivíduo e se busca a articulação do indivíduo dentro da espécie.

Dado que Escoto, conforme a nota 23 da p. 22, vai assumir, na doutrina do indivíduo, as vias da filosofia neoplatónica, cabe perguntar porque é que o Autor não considerou as posições de Plotino; não basta aludir, em nota, ao **[11]** facto de Plotino admitir ideias de coisas particulares e [...] de admitir que os indivíduos humanos se diferenciam<, > não só pela matéria<, > como ainda por mil (?) características essenciais En (v, 8,1). Nessa mesma nota se afirma que “Platão tem os princípios embrionários de uma verdadeira filosofia do indivíduo, como aliás o procura mostrar Hall contra a posição corrente<”>. Dizer *procura mostrar* não equivale a *mostra* e menos ainda a *mostra suficientemente*. E cita apenas a p. 1 do livro de Hall, *Plato and the individual*, 1963, como confirmação. Será suficiente, para confirmar o que foi afirmado? Devia dar-se um esquema, embora sucinto, de como Hall faz essa demonstração.

O 2.º §, *Importância do indivíduo na religião cristã*, breve mas bem construído, **[12]** juntamente com o anterior, apresentam as bases para o desenvolvimento do estudo

que estamos apreciando. Segue-se outro bom §, o 3.º, onde <, > em traços muito gerais<, > se expõe a *filosofia medieval e o tema do indivíduo*.

No 2.º capítulo, § 1<, > *Duns Escoto e o indivíduo*<, > sublinham-se os pontos chave da antropologia escotista: a vontade e a liberdade. Neste contexto<, > explica-se o necessitarismo, herdado especialmente de Aristóteles, alheio ou oposto à posição cristã da criação, afirmadora esta da liberdade de Deus e da contingência do mundo.

A capacidade de decisão da vontade do homem supõe, para Escoto, uma *natureza* bem definida em cada indivíduo, sendo o [13] comportamento individual expressão de uma estrutura interna inteligível, de uma essência bem determinada. E tendo essa essência o respectivo estatuto na inteligência divina, poder-se-á falar de uma autêntica verdade do indivíduo. Daí<, > a metafísica exemplarista em Duns Escoto.

O candidato expõe desembaraçadamente esta metafísica nos seus traços gerais, sempre apoiado nos textos. Achamos muito interessante a ideia, infelizmente não explorada como devia ser, de apresentar a monadologia de Leibniz na perspectiva de Duns Escoto. Uma nota (nota 44 da p. 41) é insuficiente. Porque não tratar este assunto, a partir da p. 85<, > onde diz tratar alguns problemas [14] relacionados com o indivíduo e que persistiram na história da filosofia? O mesmo se diga com respeito a Lavelle.

O problema do indivíduo conduz, necessariamente, ao estudo da individuação. O § 2, que trata desse assunto, designa-o o Doutor Cerqueira Gonçalves por *A metafísica da individuação no escotismo*. Preferimos designá-lo por *A metafísica da individuação em Duns Escoto*. Seria maneira de fugir à crítica de Gilson no livro *L'être et l'essence*, em minha opinião bem fundada, onde se aproximam os nomes de Escoto e de Hegel por considerarem a existência um dos momentos da auto-determinação do ser, momento que não é o primeiro. E certos escotistas vão mesmo ver a existência como um *grau* da essência.

[15] A metafísica da individuação é o ponto central do trabalho que vimos analisando; capítulo bem escrito, bem documentado, apresentando um quadro suficientemente

claro das posições que Escoto tem de criticamente enfrentar (Filosofia árabe e S. Tomás).

Duas observações, porém, lhe formulamos:

1- (p. 69-70) A propósito da gnosiologia de Escoto, expõe a tese da *univocidade do ser*. Neste ponto, deseja o autor ser tão sintético que a exposição perde clareza. É certo que aponta sempre, em notas de rodapé, os textos fundamentais. Mas assuntos tão abstractos e de tão alta importância como, por exemplo, as *distinções* sem as quais não se pode compreender a tese da univocidade do ser, requeriam tratamento mais pormenorizado e, ao lado de alguns textos [16] originais citados, não seria supérflua a tradução portuguesa.

2- A segunda observação diz respeito à exposição do princípio da individuação. Tema de extraordinária importância e dificuldade e sobre o qual ~~sobre a qual~~ não há de subsistir dúvidas sobre pormenores de interpretação. O Doutor Cerqueira Gonçalves teve consciência ~~destas~~ dessas dúvidas pois observa (p. 81): “só a força da tradição grega nos rumos da filosofia medieval e a adopção da sua terminologia para traduzir ideias muito diferentes e até opostas podem esclarecer a tentação de interpretar a natureza da individuação escotista fora das suas genuínas intenções.”

Não admira, portanto, que o texto (p. 78 e seguintes) enferme de imperfeições, por exemplo na explicação [17] do que seja a *natura communis* (já referida atrás na página 71) e no esclarecimento da relação entre *natura communis* e *hacceitas*. Aliás, o Sr. Cerqueira Gonçalves sentiu-o, pois na página 81 introduz uma longa nota com citações do *Comentário sobre as sentenças* e dos *Reportata Parisiensia*. Em meu entender, todo o conteúdo desta nota deveria ser cuidadosamente reelaborado e integrado no texto, dada a sua excepcional importância doutrinal. O trabalho só ganharia em rigor e clareza.

Estas dificuldades que ponho, ~~não são propriamente objecções~~ e de forma alguma ~~diminuem~~ minimizam a importância deste estudo sobre Escoto, nem tão

pouco o diminui relativamente aos restantes trabalhos científicos, que li e que só a escassez de **[18]** tempo impede de apreciar.